

A MIGRAÇÃO DE BRASILEIROS PARA A COLÔNIA NUEVA ESPERANZA EM YBY YAÚ NO PARAGUAI E A FORMAÇÃO DE UMA “NOVA” IDENTIDADE TERRITORIAL¹

Karoline Batista Gonçalves

Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade Anhanguera de Dourados/ MS; aluna do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados/ MS – UFGD e participante do Grupo de discussões OUTROSNÓS da UFGD.

RESUMO: A migração de brasileiros para o Paraguai registrou as primeiras trajetórias migratórias a partir de 1960 com os “nordestinos”, e posteriormente os “sulistas” como resultado dos processos de mecanização agrícola, projetos de infraestrutura no Brasil (como a construção da Hidroelétrica Itaipu) e a expansão da fronteira agrícola tanto no Brasil quanto no Paraguai. Como resultado dessas trajetórias pode-se identificar a Colônia *Nueva Esperanza* localizada em Yby Yaú, no Departamento de Concepción/ Paraguai, formada por brasileiros, que migraram acompanhando seus pais a procura de terras para produzirem. Com base nos pensadores que se dedicaram a abordar como ocorreram as principais trajetórias migratórias de brasileiros para o Paraguai, nosso objetivo será compreender como é ser brasileiro, e como as relações que esses migrantes estabeleceram entre si e com os paraguaios contribuíram para a formação da identidade territorial dos mesmos. Sinalizaremos esse processo a partir de relatos dos migrantes da Colônia *Nueva Esperanza*, em que revelam as primeiras dificuldades ao se instalarem no território paraguaio, dessa forma os resultados aqui apresentados são preliminares pelo fato da pesquisa estar em andamento.

Palavras-chave: Migração. Território. Identidade.

THE BRAZILIAN MIGRATION TO NUEVA ESPERANZA COLONY AT THE YBY YAÚ- PARAGUAY AND THE FORMATION OF A NEW TERRITORIAL IDENTITY

ABSTRACT: The migration of Brazilians for Paraguay registered the first migratory trajectories from 1960 with the “nordestinos”, and later the “sulistas” as resulted of the processes of agricultural mechanization, infrastructure projects in Brazil (as the construction of the Itaipu Hydroelectric) and the expansion of the agricultural border in such a way in Brazil as in Paraguay. As result of these trajectories can be identified the Colony *Nueva Esperanza* located in Yby Yaú, in the Department of Concepción/Paraguay, formed by Brazilians, who accompanied her parents migrated in search of land to produce. On the basis of the thinkers who if had dedicated to approach as the main migratory trajectories of Brazilians for the Paraguay had occurred, our objective will be to understand as it is to be Brazilian in Paraguay, and as the

¹ Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Geógrafos no Espaço de Diálogos: Mobilidade Territorial em Porto Alegre/ RS de 25 a 31 de julho de 2010.

relations that these migrants had established between itself and with the Paraguayans it contributed for the formation of the territorial identity of the same ones. Show flags this process from the stories of the migrants of the Colony Nueva Esperanza, where they disclose the first difficulties if installing in the Paraguayan territory. Of this form the results presented here are preliminary for the fact of the research to be in progress.

Keywords: Migration. Territory. Identity.

INTRODUÇÃO

Quando vim da minha terra, não vim, perdi-me no espaço, na ilusão de ter saído. Ai de mim, nunca saí. Lá estou eu, enterrado por baixo de falas mansas, por baixo de negras sombras, por baixo de lavras de ouro, por baixo de gerações, por baixo, eu sei, de mim mesmo, este vivente enganado, enganoso.
(Carlos Drummond de Andrade. “A ilusão do migrante”)

Em meados de 1954 iniciava-se um novo governo no Paraguai, ocupado pelo general Alfredo Stroessner², fato esse que coincidiu com a migração dos primeiros brasileiros para as terras paraguaias, cuja maioria era pequenos agricultores, oriundos de várias partes do Brasil.

Após assumir o governo o general Alfredo Stroessner teve como prioridade conseguir o apoio do Partido Colorado (Asociación Nacional Republicana - ANR), que juntamente com as Forças Armadas lhe proporcionaram sustentação política. De acordo com Wagner (1990) após ajeitar a casa o general Stroessner como era conhecido, começou a colocar em prática um plano de modernização econômico denominado "Plano de Crescimento para Fora", que visava aumentar a presença paraguaia no mercado externo, exportando o que até ali o Paraguai produzia como a pecuária, a erva-mate e o algodão.

O forte da economia paraguaia sempre foi a agricultura, e para colocar em prática seus planos destinados a mesma o governo Stroessner escolheu o Alto do Paraná para receber os

² De acordo com SOUCHAUD (2007) Alfredo Stroessner nasceu em Encarnación, Paraguai no ano de 1912 e foi um grande militar e político paraguaio. Filho de um imigrante alemão estudou em um Colégio Militar em Assunção, e aos vinte anos se alistou ao exército paraguaio, onde realizou uma carreira brilhante que permitiu sua ascensão rapidamente até chegar a ocupar o cargo de Comandante Chefe Militar em 1951. Três anos depois em uma ação militar que depôs o presidente Chávez ele assumiu a presidência.

primeiros investimentos a fim de desenvolver a agricultura, devido fato de ser uma subdivisão administrativa populosa composta por distritos do qual Cidade Do Leste é a capital, e pela região ser próxima ao porto marítimo do Paraná, dando início em 1960 no Paraguai, a Marcha em Direção ao Leste:

O Projeto Nacional de Marcha para o Leste, por meio de acordos políticos e econômicos, criou as condições materiais para a expansão da fronteira agrícola capitalista no Leste do Paraguai. Com efeito, a república do Paraguai, a partir da segunda metade do século XX, foi transferindo-se do raio de ação argentino para a órbita de influência geoeconômica e cultural do Brasil. (BÁRBARA, 2005, p.335).

Percebe-se que a Marcha em Direção ao Leste visava ocupar a fronteira leste do país com camponeses paraguaios. Entretanto, paralelamente a marcha em 1963, o general Stroessner modificou o Estatuto Agrário de 1940 permitindo a partir de então a venda de terras a estrangeiros, fato esse que segundo Riquelme (2005) abriu o caminho para as vendas das terras férteis do país aos brasileiros e corporações transnacionais.

Os primeiros brasileiros a chegarem ao Paraguai foram os moradores das regiões Norte e Nordeste do Brasil, devido fato de ser desprovidos de posse, e naquele momento os paraguaios necessitavam de mão de obra para derrubarem as matas e prepararem a terra:

No Paraguai, esses agricultores desmataram áreas imensas de selva, limpavam os terrenos, construíram suas casas, tiveram seus filhos e produziram, durante anos e anos de arrendamento, sucessivas lavouras de café, algodão e hortelã, entre outros produtos comerciais, que algumas vezes eram vendidos nas cidades brasileiras fronteiriças. O contato com a população paraguaia dependia da localização dos imóveis. Poderia ser inexistente, para aqueles que trabalhavam na fronteira seca, ou intensa, com a escolarização dos filhos de brasileiros em escolas paraguaias. Muitas dessas crianças já nasceram no Paraguai, mas eram registrados também em cartórios dos Estados do Paraná ou de Mato Grosso do Sul, como se fossem brasileiros. (SPRANDEL, 1998, p. 115).

Entretanto, no final da década de 1960 o governo Stroessner alterou sua política de desenvolvimento, pois naquela época as maiores partes das terras já estavam desmatadas e

adquiriram grande valor, de acordo com Wagner (1990) o esquema publicitário montado para atrair os agricultores do Norte e Nordeste foi desativado, e o principal objetivo passou a ser os camponeses que viviam no Sul do Brasil, ou seja, pessoas dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul utilizando a seguinte propaganda "com a venda de um hectare no Brasil é possível comprar mais de cinco lá no Paraguai".

A medida que los caboclos progresan en tierra paraguaya también se instalan los migrantes del sur del Brasil (Río Grande do Sul y Santa Catarina). En su mayoría son de origen alemán, pero también italiano o eslavo. Estos recién llegados se distinguen notablemente de los *caboclos*, cultural y socioeconómicamente. Hoy dominan ampliamente la región Oriental no tanto debido a su superioridad numérica sino por a la imposición de un modelo cultural que se extiende desde las estructuras de producción y de comercialización al modo de vida modelando radicalmente el paisaje. Su éxito económico es hoy día ejemplar en el Paraguay, pero cuando se produce su llegada, se distinguen apenas de los caboclos a pesar de que la diferencia es decisiva. Pese a su origen europeo muy marcado culturalmente, modificaron rápidamente las prácticas agrícolas importadas de Europa para adaptarlas a los esquemas sudamericanos de las zonas tropicales y subtropicales. Adquirieron las técnicas de un micro agricultura de subsistencia practicada sobre rosados y demostraron así una real capacidad de adaptación e innovación. A diferencia de los *Nordestinos*, atravesaron la frontera con un capital, a veces pequeño, pero suficiente para la adquisición de tierra en Paraguay, entonces aproximadamente diez veces más barata. Paraguay les ofrecía amplias perspectivas. (SOUCHAUD, 2007, p. 121-122).

Assim, diariamente dezenas de famílias do Sul do Brasil transitavam pela aduana paraguaia de Foz do Iguaçu. Eram centenas de máquinas, animais e homens que se deslocavam ao Paraguai, sendo que esses migrantes carregavam consigo além de alguns bens, o desejo de obter riqueza e sucesso no país vizinho.

A migração para o Paraguai em busca de terras e proporcionar uma vida melhor para suas famílias foi à opção feita por brasileiros que não enxergavam em seu território perspectivas para mudanças em suas vidas, pois, almejavam poder produzir em sua própria terra, o que na maioria das vezes não era possível alcançar.

Dessa maneira, a migração de brasileiros para o Paraguai contribuiu para se redesenhar de acordo com Bárbara (2005) uma nova geograficidade brasileira em terras paraguaias; pois os brasileiros migraram, mas não deixaram de levar consigo suas características nacionalistas e

identitárias até pelo fato de utilizar-se das mesmas para se diferenciarem dos paraguaios.

Como resultado das trajetórias migratórias dos sulistas nasce na cidade de Yby Yau no Departamento de Concepción no Paraguai, a Colônia *Nueva Esperanza*, formada por pequenos agricultores, que com o auxílio de um padre conseguiram comprar uma fazenda de um agricultor paraguaio e dividir em vários hectares para que os mesmos pudessem produzir e oferecer um lar a sua família.

Contudo, ao se instalarem no país vizinho esses migrantes, tiveram que aprenderem a conviver com língua, cultura e pessoas diferentes, ou seja, os mesmos tiveram que adaptar-se a um novo lugar, conciliando o sentimento nacionalista³ de migrante com os desafios de uma cultura estrangeira, e é justamente a partir desse processo que esses migrantes começaram a construir uma “nova” identidade, ou seja, a identidade territorial formada a partir das relações de diferença, semelhanças e igualdade que esses migrantes encontraram ao chegar a outro país.

A CHEGADA A COLÔNIA E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE TERRITORIAL COMO FORMA DE AFIRMAÇÃO

Eu vim para o Paraguai com uma tropa de gente de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nós viemos para cá por causa de um padre europeu chamado Vendelino Glauber (falecido) que veio da Alemanha e morava no Paraguai, e esse padre ia lá ao Sul nos visitar e aí ele informava aos brasileiros sobre o Paraguai. Até que um dia o padre organizou um ônibus que ia sair de Santa Catarina para a gente visitar o Paraguai, porque ele disse que lá tinha muito fazendeiro que gostava dos peões brasileiros. Então o padre nos levou e nos apresentou a um fazendeiro que tinha 100 hectares, e então nós começamos a trabalhar para ele, abrindo o mato e logo depois começamos a plantar café. Três anos depois de trabalhar nós ajeitamos a terra e começamos a plantar para sobrevivência nossa, fizemos uma roça com arroz, mandioca e feijão. Depois dessa experiência cada um dos brasileiros que tinha terra no Brasil vendeu e compraram outras aqui no Paraguai. No começo quando viemos para cá cada um tinha um pouco de terra no Brasil, mais aí era mais vantajoso vir para o Paraguai do que ficar lá no Brasil (Sr. Afonso, 51 anos, morador da Colônia Nueva Esperanza há 28 anos).

³ De acordo com SAID (2003) o sentimento de nacionalismo seria uma declaração de pertencer a algum lugar, a um povo ou a uma herança cultural.

Quando nós chegamos aqui no Paraguai não tinha problema com documentação, só os adultos precisavam de documentos. Quando os brasileiros chegaram aqui não sabiam falar nem o castelhano nem o guarani e comprar na cidade era difícil. Aí nós chegamos à conclusão de que se já estamos aqui, vamos ter que aprender a viver com os paraguaios. Quando nós chegamos aqui à maioria se juntou, e um alemão vendeu muitos pedaços de terras parcelado, o que ajudou a adquirir as propriedades, muitos vieram só para adquirir terras e deixavam empregados para cuidar. No começo foi tudo muito difícil, tivemos que viver embaixo de lona e nossa mercadoria tinha que durar o ano inteiro. (Sr. José dos Santos – 45 anos agricultor e morador da Colônia).

Quando cheguei ao Paraguai eu tinha 12 anos, e trouxemos enxada, machado mercadoria e um pouco de dinheiro. Quando viemos para cá o padre Vendelino nos acompanhava e ensinava alemão. Quando fazia três anos que nós estávamos aqui minha irmã morreu assassinada. A família até pensou em voltar para o Brasil, mais não tinha condições. A justiça não deu importância porque a família era brasileira, e ela foi enterrada no Paraguai, num cemitério que tinha mais brasileiro do que paraguaio. (Clarice, 44 anos, moradora da Colônia Nueva Esperanza).

Os relatos acima são de migrantes brasileiros que vivem na Colônia *Nueva Esperanza* e podem ser considerados de grande importância para que se possa compreender como os mesmos construíram uma “nova” identidade, ou seja, a identidade territorial que não é nem totalmente brasileira, nem totalmente paraguaia, e sim de migrante brasileiro no Paraguai. Entretanto, antes de abordarmos como foi construída essa identidade territorial faz necessário conceituarmos duas características que serão fundamentais para compreendermos como ocorreu esse processo, o território e a territorialidade.

Inicialmente podemos utilizar a definição de Raffestin (1993) que aponta o território como um espaço sobre o qual se projetou um trabalho, mas não de qualquer tipo, e sim um trabalho que está marcado por relações de poder, sendo o território composto por ação e poder que se manifestam por pessoas ou grupos.

Já para Marcelo de Souza podemos definir território da seguinte maneira:

O território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder (...) a palavra território normalmente evoca o território nacional e faz pensar no Estado, em grandes espaços (...), entretanto, os territórios existem e são constituídos nas mais diversas escalas, da mais acanhada à internacional. (2007, p.23).

Diante do exposto percebe-se que o território abarca muito mais do que o Estado-Nação, ele é um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder que ocorrem em um determinado espaço, ou seja, o território seria uma espécie de reordenamento espacial. Além disso, Santos (2005) nos remete a pensar que o território não é apenas um conjunto de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como o território usado. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence, sendo assim o mesmo influenciará na formação da territorialidade.

Isso posto, podemos pensar a territorialidade como uma tentativa de análise geográfica sobre as identidades culturais, pois a mesma tem uma mistura de elementos culturais, econômico e político, além disso, busca construir uma hegemonia geral sobre uma base territorial. Sendo assim, um sujeito em seu território perde sua territorialidade a partir do momento em que adota outras práticas sociais, que tenta destruir sua territorialidade, entretanto, nunca destrói por completo pelo fato de que a mesma possui elementos de resistência, ou seja, sempre o sujeito em algum momento recordará dos costumes e práticas do seu território nacional.

Dessa forma, a territorialidade possui uma grande importância no território, pois ela justifica as relações que ocorrem dentro do mesmo. Ou seja, não há território sem territorialidade e vice-versa. Entretanto, existe territorialidade sem território fixo, o que engloba o território simbólico como é o caso da migração que é um desdobramento de outras relações.

O migrante constrói sua territorialidade em função de um choque entre funções e matérias do passado e do presente. Porém, o mesmo apenas compreende que a história mobilizada dele é apenas de si mesmo quando a imagem deixada não é mais a encontrada, ocorrendo assim um estranhamento por conta do confronto de identidades, e o mesmo percebe que não é mais visto como gente da terra. Assim, é a partir do momento em que o migrante chega a um novo território e percebe as diferenças é que o mesmo passa a construir uma nova identidade, a “identidade territorial” que será influenciada pelas relações que forem estabelecidas dentro desse novo território em que ele se encontra.

A identidade territorial é um tipo de identidade social⁴ que se expressa na relação de pertencimento de um grupo a partir da delimitação de uma escala territorial de referência

⁴ De acordo com Haesbaert (1999) a identidade social também é uma identidade territorial quando o referente simbólico central para a construção desta identidade parte do ou perpassa o território, que pode ser percebido desde uma paisagem como espaço cotidiano “vivido” como uma comunidade até um Estado-Nação.

identitária. Todavia, não se pode afirmar que é o território que vai “fundar” uma nova identidade, mas é a força política e cultural dos grupos sociais que neles se reproduzem e sua capacidade de produzir, que estimularão uma determinada escala de identidade. Todo território possui sua identidade espacial, ou seja, os símbolos e suas características o que nos permite afirmar que de certa forma cada território transforma-se em lugar na medida em que o mesmo adquire definição e significado, pois como a identidade territorial é influenciada por várias outras, a mesma pode às vezes alterar-se rapidamente no tempo, como afirma Haesbaert (2007) a identidade social nunca pode ser vista como unitária e monolítica pelo fato de a mesma ser resultante das diversas identidades sociais que são movimentadas pelos indivíduos.

É importante salientar que os territórios são referenciais que podem ser considerados fundamentais na construção das identidades territoriais, devido fato de que a alteridade de certa forma fica condicionada a um determinado limite físico de reprodução dos grupos sociais.

Haesbaert (1999) dialoga com a ideia de que toda identidade social é definida fundamentalmente pelo território, através de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias, quanto na realidade concreta, dessa maneira o espaço geográfico se torna parte fundamental dos processos de identificação social.

A identidade territorial pode ser visto como algo construído, ou seja, algo atribuído quando o indivíduo se reconhece quanto a sua nacionalidade. Assim, na Colônia *Nueva Esperanza* quando o migrante utiliza a identidade de brasileiro é uma forma de o mesmo afirmar e reconhecer sua identidade frente ao paraguaio. Entretanto, é importante destacar que o migrante da Colônia além de afirmar e reconhecer sua identidade frente à outra, o mesmo pode entrecruzar sua identidade no confronto com outras culturas:

Determinados grupos culturais migrantes podem não apenas entrecruzar sua identidade no confronto com outras culturas, mas também levar sua territorialidade consigo, tentando reproduzi - lá nas áreas para onde se dirigem. (HAESBAERT, 1999, p. 184).

Portanto, muitos dos sulistas que formaram a Colônia *Nueva Esperanza* levaram consigo suas territorialidades que de acordo com Haesbaert (2007) engloba ao mesmo tempo aquilo que é fixação (enraizamento) e o que é mobilidade, tanto os itinerários quanto os lugares. Isso pode ser perceptível na colônia quando um dos migrantes faz a seguinte afirmação:

A comunidade daqui se parece com as do Sul do Brasil, e a propriedade é diferente das propriedades paraguaias, você olha pra cá e se lembra do Sul até o modo de plantar é igual a do Sul. (Sr. José dos Santos – 45 anos produtor e morador da Colônia *Nueva Esperanza*).

Percebe-se que mesmo que esses migrantes tenham saído de sua terra natal muitos ainda buscam manter sua territorialidade, reproduzindo no novo país laços e vínculos com sua terra de origem. A formação da Colônia contribuiu para se redesenhar uma nova geograficidade brasileira em terras paraguaias pelo fato de que ao se instalarem no país vizinho os migrantes brasileiros trouxeram consigo seu idioma, sua identidade e seus costumes.

Logo, é possível afirmar de acordo com Haesbaert (1999) que o território é um produto e produtor de identidades, ou seja, o território não é apenas um “ter” mediador de relações de poder sobre uma parcela concreta do espaço, mas também compõe o “ser” de cada grupo social por mais que a sua cartografia possa estar sobreposta ou descontínua. Assim, os migrantes brasileiros que formaram a Colônia *Nueva Esperanza*, construíram uma “nova” identidade, baseada nas características encontradas no território, como uma forma de afirmar-se frente ao paraguaio, pois precisou adaptar-se a um jogo de analogia e valores, aonde a única opção é conviver com uma identidade diferente da sua sem deixar seus costumes e práticas culturais de lado, trata-se de optar por um caminho intermediário onde são levados em consideração os múltiplos valores do novo território e os valores e identidades de sua terra natal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs noções sobre duas perspectivas que podem ser consideradas importantes ao analisarmos a migração de brasileiros para o Paraguai, a identidade e o território. Por meio de alguns relatos dos migrantes que vivem na Colônia *Nueva Esperanza* foi possível identificar algumas características importantes no que se diz respeito à formação identitária e a trajetória dos mesmos.

Nessa perspectiva, a discussão feita aqui mostrou que a identidade desses migrantes é uma identidade em movimento que se formou a partir das relações que esses estabelecem com os paraguaios e com os brasileiros tanto da colônia como com os familiares do Brasil. A partir do momento em que esse migrante afirma sua nacionalidade colocando em prática características identitárias e culturais de brasileiro ele se diferencia dos paraguaios, devido ao fato das relações que são estabelecidas proporcionam aos mesmos vivenciar um conjunto diferenciado de possibilidades.

Os migrantes brasileiros que formaram a Colônia *Nueva Esperanza*, construíram uma “nova” identidade, ou seja, a identidade territorial, pois o mesmo teve que adaptar-se a um jogo de identidades e valores, cuja única opção é conviver com uma identidade diferente da sua sem deixar seus valores e sua referência, trata-se de optar por um caminho intermediário levando em consideração os múltiplos valores do novo território e os valores e práticas de sua terra natal.

Assim, a nova identidade que os migrantes brasileiros que vivem na Colônia *Nueva Esperanza* formaram é uma identidade que buscou referenciais em uma base territorial num processo de intercâmbio de identidades, pois o mesmo não deixou suas práticas culturais e foi inserindo novas práticas a partir do contato que teve com outros grupos sociais sendo assim as “novas e antigas formas de identificação convivem no mesmo território⁵”.

Considerando-se, pois, que o referencial de análise aqui adotado ainda não tem tido grande penetração nas áreas em que se têm desenvolvido grande parte das pesquisas acerca da migração de brasileiros para o Paraguai, em especial, na cidade de Yby Yau no Paraguay, esse estudo pode gerar debates interessantes e profícuos e apontar para outras possibilidades de investigação no que se diz respeito às trajetórias migratórias e a construção de “novas” identidades.

REFERÊNCIAS

BÁRBARA, Marcelo Santa. Brasiguaios: territórios e jogos de identidade. IN: PÓVOA NETO, Helion & FERREIRA, Ademir Pacelli (Org.). **Cruzando fronteiras disciplinares**. Rio de

⁵ Consultar Haesbaert (1999, p.187).

Janeiro: Revan, 2005.

BIOGRAFIAS E VIDAS. **Alfredo Stroessner**. Disponível em: <<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/s/stroessner.htm>>. Acesso em: 12 de junho 2010 às 18h56min.

HAESBAERT, Rogério. **Dês-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste**. Niterói: EdUFF, 2007.

_____, Rogério. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIQUELME, Marcial Antonio. Migrações Brasileiras no Paraguai. In OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (Org.). **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: EdUFMS, 2005.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Milton e BECKER Bertha (Org.). **Território e Territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

SOUCHAUD, Sylvain (2007) **Geografía de la migración brasileña en Paraguay**. 1 Ed. Asunción: UNFPA-ADEPO.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, I. E. de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, R.L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 10ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SPRANDEL, Márcia Anita. Brasileiros de além-fronteira: Paraguai. In: **O fenômeno migratório no terceiro milênio**. Petrópolis: Vozes, 1998.

WAGNER, Carlos. **Brasiguaios: homens sem pátria**. Petrópolis: Vozes, 1990.